

MANIFESTO POR NOVOS HORIZONTES DAS HUMANIDADES*

*Theo Augusto Apolinário Moreira Fonseca***

Pesquisadoras e pesquisadores,

Iniciamos este evento ansiando pela eternidade, mas o adjetivo que nos vem à mente depois desses intensos dias de diálogo e construção coletiva é profundidade. Quando dizemos que algo é profundo, queremos dizer que na busca de apreender todo o significado do que vivemos, nunca nos contentamos porque essa busca se transforma em um infinito ir a fundo, sem jamais alcançar um ponto final. Quanto mais alargamos os Horizontes Epistemológicos das Humanidades, mais eles se expandem e escapam às nossas mãos. O III Encontro Internacional da Revista de Ciências do Estado nos mostrou que nossa tarefa é infinita, é profunda e mira a impossibilidade, mas é exatamente isso que nos potencializa. A partir desta congregação, projetamos um compromisso com o amanhã, na eternidade e na profundidade de um campo do conhecimento inesgotável. Escrevemos este manifesto não porque nossa missão está cumprida, mas como um marco no longo caminho que nos une — o caminho da paixão pelo conhecimento, pela universidade e pelo Brasil.

Na abertura deste evento, lembramos que a palavra, quando comprometida com a eternidade, ergue um monumento mais duradouro que o bronze. A Revista de Ciências do Estado aspira a ser este monumento. Assim como hoje encontramos, nos corredores desta Faculdade, as páginas amareladas de revistas que há décadas guardam o pensamento político brasileiro, acreditamos que a Revise será, no futuro, testemunho de que, em nosso tempo, uma geração ousou questionar, reinventar e sonhar. Este encontro é a prova viva dessa vontade de eternidade. De toda a potência das Ciências do Estado.

No decorrer dessa longa história do embate entre o poder e a liberdade, vemos nessa santíssima trindade: Estado, Poder e Política, grandes desafios. Vivemos em um tempo de

* Manifesto lido no encerramento do III Encontro Internacional da Revista de Ciências do Estado no dia 10 de outubro de 2025 por Theo Augusto Apolinário Moreira Fonseca, então Editor-chefe da Revista de Ciências do Estado. A Carta foi elaborada pela Comissão Organizadora do III EIREVICE, composta por: Lucas Antônio Nogueira Rodrigues, Arthur Felipe Schuliz Silva, Bruno de Oliveira Santos, Dante Alexandre Ribeiro das Chagas, Fernanda Machado de Castro, Filipe Terra Lupoli Nirschl, Gabriel Abrahão Costa, Izabel Carvalho Andrade, João Augusto Troleis Castilho, Lucas Maciel de Oliveira, Marina Alves Carvalho, Mateus Alves de Miranda Ferreira, Matheus Amaral Pereira de Miranda, Milena Sampaio de Oliveira Silva, Nikolas Mendes Salvador, Olívia Magnabosco Marecos, Paulo Afonso de Ávila Carvalho Filho, Pedro Luiz de Jesus Beletabla Bravo e Pedro Luiz Rodrigues Barreto. Um agradecimento especial deve ser feito a Dante Alexandre Ribeiro das Chagas e Lucas Antônio Nogueira Rodrigues pela redação final da Carta.

** Graduando em Ciências do Estado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. Editor-Chefe da Revista de Ciências do Estado (REVICE). ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-1296-4185>. Contato: theofonseca2002@outlook.com.

crises sobrepostas. Falamos, nestes dias, da precarização do trabalho, das assimetrias tecnológicas entre centro e periferia, de violência e apagamento étnico, dos desafios à soberania nacional e da erosão das democracias. Diante desse cenário, ecoou entre nós a lição de Darcy Ribeiro: a universidade é uma estrutura social necessária para a superação do nosso atraso. Ela não pode ser refém de interesses limitados nem da ditadura da hiperespecialização. O Curso de Ciências do Estado, celebrando sua trajetória, e a REVICE, na ousadia de não se contentar nunca, são faróis desta universidade necessária — insurgente, transdisciplinar e politicamente comprometida com a excelência.

Nossos debates giraram em torno de eixos centrais que desafiam o presente e exigem respostas criativas. Discutimos como o desenvolvimento técnico, longe de ser neutro, é um campo de força política. A resposta parece passar pela construção de uma soberania tecnológica, que não seja mera independência, mas a capacidade de, na “Ágora Tecnológica”, co-construir os artefatos com a sociedade. Não se trata de temer a técnica, mas de politizá-la, hackeá-la, e redesenhar suas instituições para que sirvam à emancipação, e não à dominação.

Foi dito que nossas instituições formais são, em grande medida, importadas de outros lugares, criando um abismo em relação às expectativas nacionais. Esse “sincretismo” gera ineficiência, impunidade e um parasitismo da formalidade pela informalidade — do coronelismo às outras atrocidades de nosso tempo. Para superar isso, precisamos resgatar uma tradição de pensamento brasileira que foi, muitas vezes, lançada ao ostracismo por ousar pensar o Estado para além da cultura manualesca, cativa dos manuais jurídicos. Alberto Torres, Eusébio de Queiróz Lima, Lima Barreto, Paulo Bonavides nos mostram que é possível pensar a partir da nossa realidade, sem importar teorias desenraizadas. A inovação jurídica e econômica — com novas formas de propriedade, desenvolvimento e cidadania — é o caminho para fazer com que nossas instituições deixem de ser mecanismos de exclusão e se tornem lócus de uma democracia energizada.

Alertamos para o risco de um Estado que perdeu sua essência ética, tornando-se um mero instrumento para outros fins — o “Estado Poiético”. Quando a política vira técnica e o ético é suplantado pelo instrumental e pelo econômico, a democracia se esvai enquanto o Estado é tomado de assalto por piratas. Como aprendemos: a catástrofe contemporânea é que a política já não sabe indicar um fim de bem comum. Há mera administração do presente para garantir o *status quo*. Uma redução da política à administração cujo grave sintoma é a despolitização, o trancafiamento das imaginações e a aparente impossibilidade de se repensar os rumos do devir. No entanto, como nos foi muito bem salientado: a imaginação é irreprimível e meio de reinvenção de um futuro que persiga transformações ideais capazes de realizar nossas potências.

Pudemos lembrar a necessidade de se escancarar as antinomias do tempo presente, que a luta maniqueísta entre o bem e o mal jamais cessa e possui história como no exemplo da convivência das sombras nos séculos das luzes.

Dentre os desafios de uma História do Estado, que tem a liberdade como finalidade, e que persegue os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, talvez urja o mais premente dos desafios contemporâneos: compreender, incorporar e realizar o valor da Diferença. Temos uma dificuldade latente de ouvir o absolutamente outro, insistimos em perseguir uma universalidade aquém das particularidades, o que nos revela nada de concretude, mas apenas e tão somente, um reino de abstrações. Nos perguntarmos o que é o poder e o que é a liberdade parece uma questão de todos os tempos da qual não devemos nos furtar diante da incessante busca por novos horizontes. Nesse universo de Estados, num pluriverso, constata-se que cada povo realiza a sua liberdade, ordena o seu poder e/ou constrói o Estado que lhe é possível naquele tempo e espaço.

Escancarar as desigualdades e lutar por mais liberdades, através do exercício imaginativo, parecem ser um dos vários elementos que se colocam diante das Ciências do Estado e de todas as Humanidades. Crítica e reforma. Política e Imaginação. Liberdade e Estado. É preciso ser imaginativo e, assim, a um só tempo, sermos iconoclastas e reformistas. A imaginação é o coração da transformação, faculdade que pode nos direcionar à boa vida e a um Estado mais justo. Temos de recorrer a essa manifestação da liberdade e ousarmos ser criativos diante de um tempo que tenta enclausurar as juventudes e a conformá-las a uma mera repetição do mesmo. Nosso clamor por mais imaginação é pela projeção coletiva e, portanto, política para novos desenhos institucionais.

É preciso um “saber situativo” que retome aquilo que nos é constitutivo, um diálogo com a nossa própria tradição. Afinal, somente ao sabermos o que fomos, teremos consciência do que somos e, assim, poderemos projetar o que seremos na expectativa de realizar os nossos desejos. De outro modo, dialogamos com o nosso passado para edificar o nosso futuro. Nosso anseio é que retomemos a política como esse espaço de sonhar acordado em coletivo, através da alteridade, e construir novos amanhãs.

Somos um povo de intelectuais bronzeados. Somos um Estado essencialmente diverso e plural, por meio do qual nos destinamos a ser uma nação cada vez mais livre. A busca pelo conhecimento é também uma luta por reconhecimento que se reconcilia no caminhar político da razão no mundo da liberdade através do exercício da cidadania.

Cabe ainda mencionarmos mais um aspecto do absoluto: a arte! Um lembrete de que a política também é estética. Por isso, para tratar de um tema de tamanha profundidade e

infinitude, o fio condutor de nossa estética foi o projeto, a construção a partir da *reimaginação* dos croquis de Oscar Niemeyer, arquiteto que nos é um grande exemplo de imaginação institucional pelas vias da construção estética.

Estes foram alguns dos horizontes que exploramos, guiados pelo tema central de nosso encontro: os Horizontes Epistemológicos das Humanidades. Nesse caminhar, nos movemos pelas perguntas. As perguntas são o movimento das humanidades, o impulso do conhecimento. E, quando direcionadas para pensar e conhecer o Estado, abre-se um leque de contradições e, mais do que isso, nos vemos como em um campo de debate quase belicoso. As Ciências do Estado são as humanidades em seu mais alto grau de disputas ideológicas, interpretativas e epistemológicas onde as verdades se confrontam e se reinventam. E é essa natureza de um campo de conhecimento inesgotável e paradoxal que queremos trazer à luz. Trata-se de transformar as diferenças em identidade, em acolher contradições para um espaço que evite fragmentação, um espaço de projetos e utopias.

Todo manifesto contém em si uma Esperança, a dizer, uma orientação. Por tudo isso, ao final deste III EIREVICE, assumimos um compromisso. Nos insurgimos contra um pensamento estéril, segmentado e inútil, pois recusamos a mediocridade para abraçar a grandeza. Nosso papel é ser o motor da História. É legar o Brasil à eternidade. Que esta Carta-Manifesto seja registrada não como um sonho dogmático, mas como um projeto do devir.

Viva a Revista de Ciências do Estado!

Viva o Bacharelado em Ciências do Estado!

Viva a UFMG e a universidade pública, gratuita e de excelência!

Viva o Brasil que ousamos construir!

Como citar este artigo: FONSECA, Theo Augusto Apolinário Moreira. Manifesto por novos Horizontes das Humanidades. *Revista de Ciências do Estado*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 1-5, 2025.

Recebido em 10.10.2025
Publicado em 19.11.2025